



INFORMATIVO DE MERCADO

SETEMBRO 2026



MERCADO LOCAL E INTERNACIONAL

No Brasil, o Copom reduziu a Selic em 0,25 ponto percentual, para 13,75% ao ano, mas os dados de inflação ainda pediam cautela. O IPCA de agosto registrou queda de 0,32% no mês e ficou em 4,22% em 12 meses; já o IPCA-15 de setembro avançou 0,70%, levando a variação anual a 4,47%. A diferença entre os resultados mensais mostra por que um dado isolado de deflação não basta para concluir que as pressões inflacionárias foram superadas. Para a política monetária, a combinação de inflação, expectativas e atividade seria determinante para definir o ritmo de eventuais novos cortes.

Crédito Privado: No mercado primário, houve uma retomada na atividade de ofertas após um mês de agosto mais fraco, contudo, o aumento da oferta não veio acompanhado de prêmios adequados para os investidores em termos de preço, taxas e condições. Com o mercado secundário passando a oferecer taxas mais atrativas, o primário precisará aumentar seus prêmios de risco para competir pelas alocações dos investidores. No mercado secundário, o movimento central foi a forte reprecificação no segmento de debêntures incentivadas, cuja mediana dos spreads abriu cerca de 40 bps no mês. Essa variação não decorreu de deterioração nos fundamentos dos emissores, mas de um desequilíbrio leve de fluxo, atingindo com mais intensidade os ativos de maior duration, mais líquidos e de melhor qualidade creditícia. Por sua vez, no segmento de debêntures tradicionais (não incentivadas), o movimento foi bem mais brando, com abertura mediana de spreads de aproximadamente 2 bps e alterações restritas a pontuais ativos das carteiras da indústria.

Renda Variável: A bolsa brasileira teve um mês positivo: o Ibovespa avançou 5,03% em setembro, melhor resultado mensal desde janeiro, e acumulou alta de 8,32% no terceiro

trimestre. O fluxo estrangeiro positivo e o desempenho de empresas e setores ligados a bancos e petróleo contribuíram para o avanço. Ainda assim, a valorização do índice não elimina os riscos do cenário: juros internacionais elevados, incertezas fiscais e o calendário eleitoral podem aumentar a volatilidade e provocar diferenças importantes entre empresas e setores. Assim, o resultado mensal foi forte, mas deve ser lido junto às condições macroeconômicas que podem afetar os preços adiante.

Estados Unidos: A economia americana mostrou resiliência, com crescimento de 2,2% no segundo trimestre e desemprego de 4,1% em agosto. Esses dados indicaram que a atividade e o mercado de trabalho ainda sustentavam a economia, mas não eliminaram a preocupação com a inflação: a taxa anual ao consumidor foi de 3,4%, enquanto o núcleo ficou em 2,4%. Nesse contexto, o Fed elevou os juros em 0,25 ponto percentual, para a faixa de 3,75% a 4,00%. A decisão refletiu o equilíbrio delicado entre conter a inflação e evitar um aperto excessivo sobre a atividade, mantendo incerta a trajetória dos juros nos meses seguintes.

Europa e China: Setembro foi marcado por um cenário externo em que inflação, juros e geopolítica continuaram interligados. A alta do petróleo, que chegou a superar US\$ 100 por barril em meio a preocupações com a oferta, reforçou o risco de novas pressões sobre os preços e manteve a energia no centro das atenções dos mercados. Ao mesmo tempo, as tensões comerciais entre Estados Unidos e China aumentaram a incerteza sobre o comércio global e as decisões de investimento. Nesse ambiente, os investidores acompanharam de perto os sinais dos bancos centrais, tentando avaliar por quanto tempo os juros permaneceriam restritivos e como isso poderia afetar o crescimento e os ativos de risco.

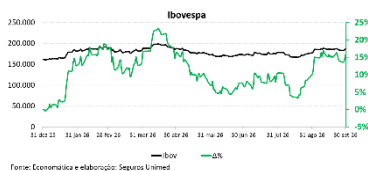
O que olhar em Outubro:

No início do mês, os PMIs de setembro indicaram o maior ritmo de crescimento da economia global em três anos, confirmando a forte recuperação no terceiro trimestre, embora acompanhada da retomada das pressões inflacionárias. Nos Estados Unidos, apesar de a criação de empregos em setembro ter ficado abaixo das expectativas, prevalece a visão de um forte crescimento econômico no país.

No Brasil, o primeiro turno das eleições gerais trouxe surpresas, como a liderança do candidato de oposição, a definição de diversos governadores e mudanças expressivas no Congresso, especialmente no Senado. Esses resultados impactaram os preços dos ativos no dia 5, e a atenção do mercado no restante do mês estará voltada para o segundo turno no dia 25, com foco em pesquisas, alianças e compromissos.

BRASIL | Bolsa

O Ibovespa encerrou o mês de setembro com uma alta de 5,03% atingindo os 186 mil pontos. O Ibovespa é uma carteira teórica de ações negociada na Bolsa de Valores (B3), é o principal indicador de desempenho dos investimentos das ações negociadas no Brasil.



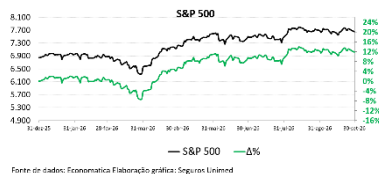
BRASIL | Câmbio

A PTAX encerrou o mês aos 5,18 estavel em relação ao fechamento de agosto.



S&P | Internacional

O S&P 500 (índice de bolsa americana) encerrou setembro aos 7.652 pontos. No mês, o índice teve uma queda de 0,45%. O índice S&P 500 é um dos maiores indicadores do desempenho das ações negociadas nos EUA.



Fonte: Globo.com, Infomoney, XP Economia, IBGE, Itaú, Agência Brasil, Valor Econômico, CNN Brasil, IBGE.



Se é Unimed,
é seguro.